

## Júlio de todos os pobres

Por: Maria Clara Bingemer

Há vários dias e mesmo semanas, a capital paulista vem sendo atacada e manchada pelo assassinato sistemático de mendigos e pessoas que vivem na rua. A sucessão de crimes hediondos que junca de cadáveres as vias da locomotiva do Brasil, a desenvolvida paulicéia, repercute no Brasil inteiro. Gera não só perplexidade, como uma questão: quem é, ou quem são os autores de tão bárbaros e gratuitos crimes.

O terror não escolhe nem seleciona suas vítimas. Idosos, adultos, homens, mulheres, jovens, a cada dia são novos corpos descobertos, vítimas indefesas e silenciosas da sanha injusta e assassina que pretende realizar assim, ao que parece, uma "limpeza" da cidade no pior e mais refinado estilo do nazi-fascismo, do Ku Klux Klan ou de outros grupos de extermínio conhecidos e temidos da história da humanidade.

A mídia exhibe, por outro lado, a dor dos familiares das vítimas. Um de nossos piores e mais arraigados preconceitos acaba de ser derrubado. Todos sempre achamos que as pessoas que vivem na rua são folhas soltas no ar, sem raízes, sem família, sem seres queridos. E, para nossa surpresa, assistimos com o coração apertado ao enterro de muitos deles regado pelo pranto de parentes e amigos, que lamentavam a perda sofrida e narravam os diferentes motivos daquela pessoa estar na rua: problemas mentais, falta de recursos, etc.

Em meio à tristeza e à dor, às lágrimas e aos gemidos, um homem de branco caminhava entre uns e outros, consolando a todos, dizendo palavras de conforto e solidariedade.

Diante do microfone do canal de televisão que o entrevistava, sua voz forte fazia lembrar a de um profeta do Primeiro Testamento, denunciando as injustiças que feriam o coração de Deus. Proclamava que a cidade estava manchada por aquele sangue e interpelava as autoridades para que os crimes fossem imediatamente apurados.

Revestido da alva e da estola brancas, o Pe. Júlio Lancelotti encomendava corpos, celebrava missas e trazia a presença do Amor do Deus defensor dos pobres àquele macabro cenário. Com força e serenidade, levava a cabo sua missão de servidor do povo da rua.

Pe. Júlio entrou já adulto no seminário. Após os estudos, ordenou-se e recebeu como missão do então cardeal Dom Paulo Evaristo Arns ser vigário episcopal do povo de rua da diocese de São Paulo. Desde então, assimilou plenamente em sua vida todo o significado da palavra vigário.

Oriundo do latim vicariu, seu primeiro e principal significado é: aquele que faz às vezes de outro. Vigário episcopal, Pe. Júlio passou a ser e representar a Igreja de São Paulo, na pessoa de seu bispo, junto aos pobres que sofriam e sofrem nas ruas.

Sua atuação, porém, não se limita aos que vivem e dormem nas ruas. Estende-se igualmente aos menores infratores, amontoados em reformatórios desumanos que não os reabilitam para a convivência social mas ao contrário, os incitam a galgar todos os degraus do crime. Junto a estes, Pe. Júlio é presença amiga, respeitosa e firme. Quando a violência explode sob a forma de reféns, ameaças e morte, só a ele é permitida a entrada no recinto para conversar com os amotinados. Na maioria das vezes é bem sucedido e consegue trazer a paz de volta.

Junto aos doentes de Aids, sua dedicação é incansável. E seu rosto se ilumina sobretudo quando levanta em seus braços as crianças atingidas pela doença. Uma vez tive a honra de participar com ele de uma mesa sobre Teologia e sociedade, e ouvi seu relato

emocionado sobre uma menina de quem se tornara amigo e a quem contava as histórias da Bíblia, dizendo-lhe ser ela mais bela que a rainha Candace.

Apóstolo incansável junto a todos os pobres, Pe. Júlio enfrenta hoje sua mais recente cruzada: confortar os sofrendores de rua que vão sendo paulatina e sistematicamente dizimados pela violência que varre as ruas de São Paulo.

Vigário e servidor de todos os pobres e todas as formas de pobreza, segue incansavelmente os passos de seu Mestre Jesus de Nazaré, que um dia proclamou bem-aventurados os pobres e os aflitos e não tinha, ele mesmo, onde reclinar a cabeça.

Lutando contra a inércia dos poderes públicos e a lentidão das providências que custam tantas vidas humanas, Pe. Júlio prossegue sua luta interminável e inglória. E suas vestes sacerdotais brancas são sinal de esperança para aqueles e aquelas a quem não resta nada mais para esperar.

Com seu constante testemunho de justiça e de paz, Pe. Júlio é um sorriso no rosto ensangüentado de uma cidade que acorda todos os dias manchada pelo sangue e pela dor da morte que não avisa e que, covarde, se atocaia na calada da noite.